

## Página Inicial

Especial - Acordo Ortográfico

Agenda de Eventos

Artigos e Ensaios

Blog

Livros

Polêmica nas Letras

Reflexões sobre o ensino de língua(s)

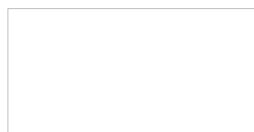
Resenhas

Textos literários

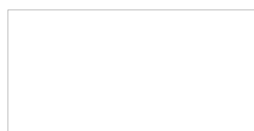
Edições Anteriores



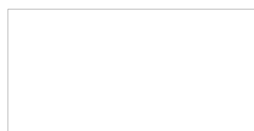
## Veja também



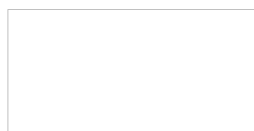
Biblioteca Digital Mundial



Ceditec



Comunidade dos Países  
de Língua Portuguesa



Dicionário de Termos Lingüísticos

## FALAR CUIABANO UM: HETEROGENEIDADE LINGÜÍSTICA REJEITADA

Maria Ines Pagliarini Cox (MeEL/UFMT)

Tenho por hábito guardar numa pasta comentários sobre o português falado por pessoas públicas, principalmente políticos. O português do Lula, por exemplo, desde que ocupou o lugar de presidente do Brasil, tem sido um prato cheio para comentários da mídia quase sempre mordazes, mas raramente defensáveis diante do que as ciências linguísticas nos ensinaram nos últimos 100 anos. Agora mesmo mais uma piada, caçoando de seu presumido analfabetismo, corre o mundo, divertindo os internautas. O mote da piada seria um suposto bilhete escrito pelo presidente, em que erros de grafia geram ruído na comunicação:

### CHURRASCO DO PT

O Lula, encarregado do churrasco na sede do PT, ficou surpreso ao verificar que havia um monte de sacos de cal no local do churrasco.

Perguntou ao auxiliar:

- Quem pediu esses sacos de cal?

- O senhor - respondeu o rapaz.

- Eu? - perguntou indignado.

- Sim, foi o senhor mesmo, companheiro.

- Mas como você me acusa de uma coisa dessas, companheiro? - esbraveja irado, elegante com sua face vermelha combinando com um terno Armani novinho.

- Lógico! - Disse o jovem mostrando ao ilustre o bilhete que o mesmo havia deixado para compras. Estava claramente escrito: 102 kilo de CAL

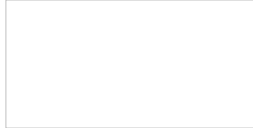
- Mas você é iletrado mesmo, companheiro! - disse o Lula, babando de ódio com a ousadia do pentelho. - Apenas esqueci de por cedilha no C. É lógico que era ÇAL para o churrasco. E aonde você viu que eram 102, seu retardado? Escrevi 1 Ô 2 kilo de ÇAL, seu burro!!! (piada recebida por email)

Não é dos comentários midiáticos ao português falado pelo presidente que me ocuparei aqui, pois eles já renderam artigos, dissertações, livros, dicionários e muitas peças humorísticas; é, sim, de uma notinha guardada desde 2006, veiculada na seção P.É.R.O.L.A.S de um jornal mato-grossense, sobre o debate entre dois candidatos ao senado: Jaime Campos e Manoel Novaes. Essa seção jornalística, ainda ativa, flagra, comenta, avalia, faz galhofa de acontecimentos, comportamentos ou cenas da vida pública, principalmente da esfera política, considerados pitorescos ou impróprios e dissonantes em relação ao esperado. São os comentários derrisórios ao modo como Jaime Campos<sup>[1]</sup> fala que me interessa aqui:

### SOPA DE LETRINHAS

Jaime Campos protagonizou o debate da última terça-feira na Rede Record, com um português sofrível, deixou bem "craro" que seu patrimônio está declarado no imposto de renda e que não fará do senado um "balcóm" de negócios... Enquanto se digladiava com o adversário Manoel Novaes, o Zebra, ia soltando impropérios à língua portuguesa. Um vexame. (*Circuitomatogrosso*, Cuiabá, 8 a 14 de setembro de 2006, p.3)

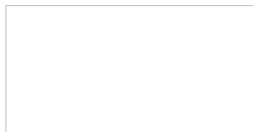
Originário da Baixada Cuiabana, Jayme Campos apresenta em sua fala vários traços do falar regional, que o tornam, frequentes vezes, alvo de críticas, gozações, piadas, a exemplo do comentário acima. Para desqualificar o modo como o candidato fala, o jornalista escolhe, deliberadamente, traços bastante estigmatizados do falar cuiabano – o



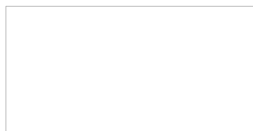
Domínio Público



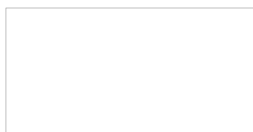
GEScom



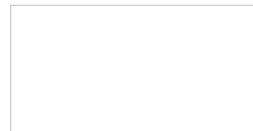
GETerm



iLteC



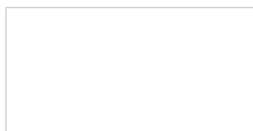
Institut Ferdinand de Saussure



Portal de Periódicos Capes



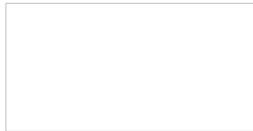
Portal de Revistas Científicas Persee



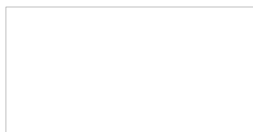
Revue Texto!



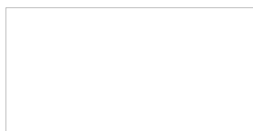
Texto livre



TRIANGLE



UEHPOSOL



Universia

rotacismo em “craro” (uso de [r] em lugar de [l] em palavras consoantais) e homorganização do ditongo [ãw] em “balcóm” (a vogal [ã] se eleva e se torna arredondada [õ], assimilando propriedades da semivogal [w]). O rotacismo, por ser também um traço da fala caipira, não apenas serve para identificar o falante como cuiabano, mas também para marcá-lo como inculto, analfabeto e, por consequência, como alguém despreparado para governar ou legislar. Traços altamente prestigiados, como a palatalização da consoante alveolar [s] na posição de travamento de sílaba, pronunciada [S], que conferem ao falar local um nota de carioquês, nunca são lembrados por aqueles que desejam espicaçar a gente cuiabana com sua língua e sua cultura.

Essa notinha é uma manifestação prototípica do discurso público sobre o falar cuiabano no espaço enunciativo<sup>[2]</sup> mato-grossense, após a avalanche migratória ocorrida nas últimas quatro décadas, que modificou profundamente o perfil demográfico, econômico, político, social, cultural e linguístico do Estado. Aqui, ao lado da toada cuiabana, ouvimos a gaúcha, a paranaense, a catarinense, a goiana, a mineira, a paulista, dentre outras. Porém, o signo que preside as relações entre os diversos falares do português brasileiro aqui escutados não é o da harmonia; é, sim, o do conflito. Como todo espaço enunciativo multilinguístico, também esse é um espaço tenso, um espaço em que a distribuição das línguas para os falantes é repartida desigualmente.

Os imigrantes do sul e sudeste que aqui aportaram tinham a alma grávida da profecia emissária do ocidente – vinham para cultivar não só a terra virgem, mas também a presumida barbárie da gente mato-grossense. À maneira de emissários da verdade, da cultura civilizada e da correção linguística, os imigrantes predicam a cultura e a língua locais como estropiadas e, bem-intencionados, desejam corrigi-las. Enfim, o encontro entre o s mato-grossenses tradicionais e os mato-grossenses posiços é marcado por lutas simbólicas, às vezes ruidosas, às vezes silenciosas. E, novamente, na história da humanidade, o processo de colonização de um novo mundo se reedita como empresa de ocidentalização, com os imigrantes se apresentando diante dos outros brasileiros (brasileiros do norte e centro-oeste) como a parte esclarecida e desenvolvida da nação. Assim posicionados, passam a interpretar as inevitáveis diferenças culturais e linguísticas como defasagem, como falta, como atraso, como um momento já superado de sua própria história. Ou seja, hierarquizam e inferiorizam a diferença.

Essa leitura justifica a “boa intenção” de promover o outro à maioria cultural e linguística. Aliás, o ocidente é sempre altruísta: não consegue não desejar intervir para modificar, melhorar o outro. Se a diferença é a má diferença, então, intervir na vida do outro é um imperativo moral categórico. Em nome da boa diferença, justificam-se o etnocídio e o linguicídio, justifica-se matar a cultura e a língua do outro. É esse o impulso que fala num depoimento de imigrante, como o que segue: “Eu acho feio o modo como os cuiabanos pronunciam estas palavras: ‘bicicreta’, ‘chicrete’, acho que deveria juntar todos os cuiabanos para terem sessões com fonaudiólogos, eu até ensino minha namorada a pronunciar corretamente, sei que com muita calma e paciência ela vai conseguir falar correto as palavras...”(COX, 2008). Como afirma Clastres (2004, p. 84), em sentença lapidar, “A ética do etnocídio é a espiritualidade do humanismo”. É, pois, o desejo de transformar “bárbaros” em “humanos” que incita a prática etnocida dos imigrantes.

Vivendo e circulando na arena onde os embates simbólicos – linguísticos e culturais – são ubíquos, o mato-grossense tradicional diz se sentir à vontade para falar sua língua materna apenas na cumplicidade da família e dos amigos, quer dizer, em encontros que funcionam como verdadeiras ilhas, regiões não alcançadas pelo olho, ouvido e, principalmente, boca do imigrante. Nesses nichos, o falar cuiabano é usado para comunhar, para contar piadas, para jogar conversa fora, sem qualquer sanção. Porém, nas situações públicas, como o da sala de aula, por exemplo, o cuiabano se auto-censura para não falar como cuiabano: “eu, fora da sala de aula, sou cuiabana mesmo – Tcha por Deus! Agora, na sala de aula, no ambiente da escola, a gente procura evitar, se policiar...” (NAZZARI, 2005).

O encontro entre o falar cuiabano e as outras variedades de português brasileiro trazidas pelos neo-colonizadores foi um encontro assimétrico, desigual, uma via de mão única. Não foi um bom encontro, uma vez que não houve troca, reciprocidade de influência, mas imposição dos traços dos falares do imigrante sobre aqueles do falar cuiabano. Um bom encontro sempre torna aqueles que se encontram mais fortes, aumenta-lhes a potência vital. Mas não é o caso do falar cuiabano que foi fenecendo, entrando em agonia na interação com os outros falares. É visível a desproporção de forças entre o imigrante e o mato-grossense tradicional na capacidade influenciar e modificar cultural e linguisticamente o outro.

A que se deve essa desigualdade na capacidade de afetar a língua do outro? Não se pode subestimar e desconsiderar o fato de que os imigrantes que aportaram em Mato Grosso eram originários, sobremaneira, de estados das regiões sul e sudeste, estados que, há quarenta anos atrás, viviam estágios mais avançados do capitalismo. Essa condição os tornava mais poderosos em relação aos estados das regiões norte e centro-oeste, consideradas mais atrasadas socioeconomicamente. Essa desigualdade-hierarquização socioeconômica entre os estados do sul (sul e sudeste) e os estados do norte (norte e centro-oeste) é que faz com que o imigrante se atribua o status de **colonizador** de Mato Grosso, colonizador de uma terra improdutiva. Sob a égide do capitalismo, que adere,

incondicionalmente, ao princípio do progresso, nada mais atrasado do que a improdutividade de uma floresta em pé, do que a prática de uma economia de subsistência, do que fechar as portas do comércio para uma sesta nas horas mais quentes e modorrentas do dia.

Assim, o jogo desigual de forças que preside as relações macro-econômicas e políticas entre os estados de origem dos imigrantes e o estado de Mato Grosso imprime-se no espaço enunciativo regional. Os imigrantes podem até não ser usuários efetivos da norma padrão (e não são mesmo, aliás, ninguém o é), mas eles se pensam como tais, o que os encoraja a levar adiante a empresa humanitária e unilateral de correção do falar cuiabano. Em resumo, a história da neo-colonização de Mato Grosso transformou um espaço enunciativo um tanto homogêneo, em que o falar cuiabano pôde se formar e florescer e ser pronunciado sem reserva e censura, num espaço altamente heterogêneo em que a norma cuiabana está em via de extinção, em vista da agência dominante exercida por aqueles que se representam como mais sábios, mais cultos, mais desenvolvidos, e, por consequência, mais poderosos e os únicos, na relação, em condições de ensinar algo ao outro.

A posição subalterna que preside o funcionamento do falar cuiabano no espaço de enunciação mato-grossense patenteia-se nas mais diversas esferas de comunicação, incluindo a esfera midiática, a exemplo da notinha acima transcrita e doravante analisada. Na nota, o jornalista reconta, em discurso indireto, o que o então candidato ao senado Jayme Campos teria dito no debate televisivo. Mas o tema da nota não é *o que* ele diz, mas *como* ele diz, ou seja, os presumidos erros de português cometidos por Jayme durante o debate.

O jornalista não economiza “elogios” ao português falado pelo candidato a senador. Começa nomeando a nota como “Sopa de Letrinhas”, aliás, impropriamente, pois, se era um debate – um evento de fala –, deveria ter dito “Sopa de sonzinhos”. Mas essa aderência cega do jornalista ao grafocentrismo não vem ao caso neste momento. A expressão “sopa de letrinhas” nos leva a pensar em “confusão”, “caos”, “desregramento” e, portanto, na incapacidade do falante em juntar adequadamente as letras, ou melhor, os sons. Depois recorre a termos como “sofrível”, “impropérios”, “vexame” para desqualificar o português falado por Jayme Campos, todos eles cumprindo o papel de rebaixá-lo à condição de erro relativamente à norma padrão e não de evidenciá-lo como uma variedade lingüística própria.

Não menos significativo como índice da divisão do espaço enunciativo mato-grossense é o uso das aspas em “craro” e “balcóm”, para apartar a voz cuiabana da voz assumida pela mídia, imaginariamente uma voz que escreve/fala português padrão. É claramente um uso das aspas como modalizador autonímico. Authier (2004) distingue a modalização autonímica da pura autonímia. Na modalização autonímica, o enunciador mostra que está duplicando suas palavras – como *uso* pelo seu “próprio” discurso e como *menção* a um discurso outro –, enquanto na pura autonímia as palavras ou expressões são ‘mencionadas’ como signos em si mesmos, tendo por referência um sistema lingüístico (A palavra “craro” é uma forma errada ou “craro” é uma variante do falar cuiabano) e não ‘usadas’ para se referir a uma qualidade relativa ao mundo exterior à linguagem (O fato é craro ou claro). A modalização autonímica produz, portanto, um acúmulo de *uso* e *menção* (“deixou bem ‘craro’ que seu patrimônio está declarado no imposto de renda”). Quer dizer, as aspas, que cercam a expressão “craro”, introduzem um distanciamento do enunciador em relação às suas palavras – o jornalista *usa* a palavra “claro” para relatar, em discurso indireto, o conteúdo da fala de Jayme, mas o faz *mencionando/evocando* a inflexão cuiabana. As palavras aspeadas constituem um corpo estranho, deslocado, fora de lugar, mantido à distância de e não amalgamado ao fio discursivo, implicando, assim, um distanciamento do locutor, uma atitude metalingüística que o leva a desdobrar-se em dono e juiz das palavras. Conforme Authier (2004, p. 219), a fala entre aspas é uma fala vigiada, controlada, “mantida”<sup>[3]</sup> e não uma fala abandonada a si mesma, inconsciente, assumida sem reservas.

O jornalista usa as palavras “craro” e “balcóm” para relatar o que ouviu no debate, mas avisa aos leitores que não as diz como diz as demais, que estão fora das aspas. Diz como as ouviu da boca de um cuiabano, diz arremedando o falar cuiabano, mais e melhor dizendo, diz zombando do falar cuiabano. Aspeia tais palavras porque não se quer confundido com a gente que fala assim. Se quisesse, não recorreria ao escudo protetor das aspas. Afirma Authier que

As aspas se fazem “na borda” de um discurso, ou seja, marcam o *encontro com um discurso-outro*. (...) Essa borda é, a um só tempo, reveladora e indispensável: acompanhar o mapeamento das palavras aspeadas de um discurso é acompanhar a zona fronteira reveladora daquilo em relação ao que lhe é essencial se distanciar: ‘Diz-me o que tu aspeias...’; ao mesmo tempo, é pelo fato de colocar algumas palavras como não apropriadas que um discurso constitui, em si mesmo, o complementar dessas palavras: palavras essas plenamente apropriadas, às quais o locutor supostamente adere sem distância; é o trabalho constitutivo das aspas.

As aspas são, portanto, em um discurso, algo como o *eco* de *seu encontro com o exterior*. Apesar dos termos interior/exterior, borda, fronteira, esse encontro não se

faz segundo uma linha de justaposição, mas na forma de uma zona de interação, de imbricação, de invasão. É nesse sentido que digo que as aspas se fazem 'sobre as bordas', que há 'trabalho na borda' de um discurso na formação de aspas (Authier, 2004, p. 229).

Motivada por essa substanciosa citação, sou levada a me perguntar sobre o(s) discurso(s) com que o discurso do jornalista se encontra para que ele recorra à salvaguarda das aspas. Com que discurso-outro, as bordas do discurso desse enunciatador se atritam? A que discurso ele se filia, para desejar proteger-se da ameaça do discurso-outro? Penso que a posição sujeito dominante na constituição do enunciatador jornalista envolve identificação com o discurso da tradição gramatical que significa a alteridade em relação ao padrão linguístico, pelo viés da ideologia purista, como erro. A posição purista é patente na oração "ia soltando impropérios à língua portuguesa", em que a expressão "a língua portuguesa" ressoa como norma monolítica, homogênea, invariável. Essa identificação, conquanto imaginária e nem sempre efetivamente manifesta no uso linguístico não aspeado que o jornalista assume como o seu, parametriza a avaliação da língua do outro. Assim posicionado, admite usar o falar cuiabano, desde que as aspas, funcionando como modalizador autonímico, cumpram sua função de estabelecer as fronteiras entre um interior familiar com o qual se identifica e um exterior do qual se quer apartado. Nos termos de Authier (2004, p. 230), "A colocação de aspas supõe a *ilusão de palavras 'suas'* e a manutenção de *um exterior ao discurso* em função do qual as palavras podem ser avaliadas em sua adequação". É em relação às palavras aspeadas, avaliadas como não apropriadas, que um discurso assinala aquilo que lhe é apropriado, mais e melhor, que um discurso se constitui, buscando perfilar suas fronteiras.

Destarte, ressurgem, na borda do discurso da mídia, o fantasma do discurso purista, investindo o falar cuiabano de um sentido negativo e impondo condições para sua aparição no fio do enunciado – que ele se faça por dentro das aspas, para não macular o que está fora, que é a boa língua, com a qual o jornalismo, de um modo geral, se quer identificado e à qual adere sem restrições. As aspas impedem que a boa língua toque, roce, seja afetada pelo corpo da língua-outra – afinal, as mestiçagens são renegadas pelo purismo. A cerca formada pelas aspas aprisiona o falar cuiabano, impedindo que ele, tal como uma batata podre, contamine o suposto bom português da instituição *jornalismo*. Assim, os recursos formais que, em nível de enunciado, evidenciam a guerra entre as línguas e as gentes num dado espaço de enunciação são muitos e inimagináveis. Você já havia pensado que as aspas podem dizer tanto?

#### BIBLIOGRAFIA

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. *Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

CLASTRES, Pierre. *Arqueologia da violência*. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

COX, Maria Inês Pagliarini. *Que português é esse? Vozes em Conflito*. Pedro & João Ediotres/EdUFMT: São Carlos/Cuiabá, 2008

COX, M. I. P. & SANTIAGO-ALMEIDA, M. M. (orgs.). *Vozes cuiabanas: estudos linguísticos em Mato Grosso*. Cuiabá: Cathedral, 2005.

GUIMARÃES, Eduardo. Brasil: país multilíngue. *Revista Ciência e Cultura*, São Paulo, abril de 2005, p. 22-23.

NAZZARI, Marinez Santini. *Fricções linguísticas na Cuiabá Contemporânea – a dança das interpretações entre professores de português*. Dissertação de Mestrado. Cuiabá, MeEL/IL/UFMT, 2005.

Recebido em 19 de maio de 2010

Aceito em 25 de maio de 2010

[1] Jayme Campos é natural de Várzea Grande, município que integra a região da Baixada Cuiabana. Elegeu-se prefeito de sua cidade natal em 1982, 1996 e 2000, governador de Mato Grosso em 1990 e senador em 2006. Por ocasião da publicação dessa notinha, disputava a cadeira de senador de Mato Grosso.

[2] Conforme Guimarães (2005, p. 22), “o espaço enunciativo é o modo de distribuir (...) as línguas em relação. E esse modo de distribuição é elemento decisivo do funcionamento de todas as línguas relacionadas. Esta distribuição das línguas para seus falantes é sempre desigual. O espaço enunciativo é, assim, político.”

[3] O sentido de “manter” é aqui equivalente ao de “manter seu cachorro, seus empregados, sua casa” (Authier, 2004, p. 219).

Todos os textos publicados podem ser livremente reproduzidos, desde que sem fins lucrativos, em sua versão integral e com a correta menção ao nome do autor e ao endereço deste site ([www.lettras.ufscar.br/linguasagem](http://www.lettras.ufscar.br/linguasagem)).

Siga a @linguasagem no Twitter

o que é isso?